

O cinema chega à escola pública

Turma de alunos de colégio da Asa Norte, em Brasília, desenvolve o gosto pela leitura escolhendo roteiros para curta-metragens

Daniella Fontana
Especial para o Correio

Ler e criar histórias é um dos hobbies prediletos de Lui Veronese, 10 anos, aluno da 4ª série. O passatempo perde apenas para brincar, a atividade preferida. Quando não está brincando ou dormindo, Lui dedica algumas horas de seu dia à criação de histórias. Os temas nascem de uma gravura que vê ou de uma situação que observa. Já escreveu oito histórias. Entre elas, a do Monte Everest, a do rico e do pobre e a de um tênis que mora no armário.

Mas Lui não gosta só de escrever. Adora, também, ver histórias se desenvolvendo na tela do cinema, e carrega a mãe para assistir filmes como *O Menino Maluquinho* e *A Máscara do Zorro*.

Lui só não era muito fã da escola. Até que a professora de artes cênicas da Escola Parque 210/211 Norte, Luciane Franco, decidiu unir literatura, cinema e desenho no projeto *Curta Literário*. Desde então, o pequeno escritor não perde mais uma aula.

Criatividade e imaginação são os ingredientes básicos da aula que desperta tanto interesse não só em Lui, mas como em todos os 80 alunos de 1ª a 4ª série da Escola Parque 210/211 Norte, que se reúnem toda as terças-feiras para atividades extra-classe como a das aulas de artes cênicas.

O projeto tem como idéia principal unir a linguagem da literatura à do vídeo e transformar este resultado em um curta-metragem de, no máximo, cinco minutos. O roteiro será elaborado pelos alunos, os personagens interpretados por eles. O resultado será exibido no Canal de Educação da TVA.

O trabalho começou há quatro meses, com a leitura de vários dos livros dispostos nas prateleiras da sala e escolhidos aleatoriamente pelos alunos. Depois de algumas discussões a respeito das histórias, foram destacadas duas que despertaram mais a atenção das crianças.

Os contos escolhidos foram transformados em roteiros feitos por quadros — cada cena era desenhada como uma tela de televisão — com começo, desenvolvimento, ápice e fim. Para desenvolvê-lo, as crianças interpretaram e discutiram a leitura, desenharam, escreveram a adaptação da história, passando pelas linguagens da música, fotografia, cinema e vídeo.

“A parte mais legal deste processo é quando discutimos o livro”, diz Leonardo Serra, 10 anos. Para Priscila Rosa, 10 anos, o interesse ficou por conta das visitas de personalidades — autores, contadores de histórias e outras pessoas que visitam a turma para ajudá-los a entender melhor o tema que decidiram filmar. “A gente aprende com a experiência dos outros”, conta.

DISCUSSÃO

O que sustenta o projeto é a leitura. Por meio dela, os alunos exploram estilos e gêneros literários, discutem a estética dos livros e passam a conhecer o autor, o ilustrador e sua linguagem. E trazem as histórias para a realidade, interferindo no seu conteúdo, modificando os personagens, os cenários e até mesmo o final do livro.

Segundo a professora Luciane, os temas preferidos das crianças de 1ª e 2ª séries são bruxas, fadas e gibis. Já as maiores, 3ª e 4ª séries, se deliciam com os gêneros de ficção científica, lenda, poesias e contos. Mas como o curta-metragem deveria surgir de apenas uma história, cada um dos dois grupos formados por 40 alunos das escolas Classe 115 e 316 Norte, escolheu um livro que serviria de base para o desenvolvimento do roteiro.

O primeiro, chamado *As Fadas Prensadas de Lady Contington*, de

Terry Jones, chamou a atenção das crianças por tratar de um universo de magia, sonho e imaginação. Para tornar o clima mais envolvente, a professora propiciou um ambiente diferente, com música, incenso e vídeos que tornem mais real as discussões sobre o tema. Além disso, trouxe convidados para falar sobre suas experiências, como a autora e escritora Estela Maris, a contadora de histórias e livreira Iris Borges. Para a próxima semana, espera-se a presença do cineasta Vladimir Carvalho e do cartunista Ziraldo.

Neste primeiro trabalho, chamado *Fadas Cerradas*, que será filmado no dia quatro de novembro, os alunos adaptaram a história para a realidade. Transformaram as fadas, seres inexistentes, em cigarras, animal conhecido nesta época de primavera.

Com o objetivo de conhecerem a fundo o personagem principal do vídeo, as crianças foram a campo

capturar e filmar as cigarras para descobrir como vivem. Desenharam, pesquisaram, discutiram e leram sobre a vida deste animal e serão eles, os próprios alunos, que interpretarão os per-

sonagens da história, as fadas disfarçadas de cigarras no Parque da Cidade. “Estou ansioso para começar a gravar o vídeo e aparecer na TV”, conta Lui Veronese, 10 anos, “É assim que começa a carreira de ator”, acredita o menino que sonha em viajar pelo mundo estudando animais.

ANSIEDADE

O entusiasmo não é só dele. A turma toda está inquieta para ouvir a palavra “gravando” do diretor que, no caso, será a própria professora, que já dirigiu vídeos, peças de teatro e trabalhou como atriz e bailarina. Mas quem vai participar do segundo curta, chamado provisoriamente de *UAKTI — A Lenda*, vai ter que controlar a ansiedade pelo menos até o final de novembro.

Faltando quase um mês para a filmagem, tem aluno que já está trazendo para sala de aula roupas e instrumentos típicos do povo indígena. “Já vou deixar o meu cabelo crescer para parecer mais com um índio”, antecipa Leonardo Serra, 10 anos, que não larga o livro de imagens *Zoom*, o seu preferido. É que só depois da exibição do primeiro, no final do próximo mês, serão iniciadas as gravações do outro curta.

Este segundo tema foi escolhido de forma diferente e, como diz a professora Luciane, “foi soprado pelos ouvidos”. É que ao som das músicas do grupo instrumental mineiro UAKTI, a turma fazia uma leitura sobre lendas indígenas e o tema, imediatamente, encantou as crianças. Rapidamente, elegeram o assunto para o vídeo.

Partiram, então, para o estudo dos povos indígenas, suas diferenças e costumes. Visitaram a sede da Funai e trouxeram, com olhos curiosos, índios Xavantes para sala de aula. “Fazer perguntas e conhecer a vida dos índios foi a melhor parte”, acredita Fabíola Gallette, 10 anos, que adora assistir a programação da TV Cultura e ler livros de suspense, aventura e amor.

O hábito da leitura não faz parte só do cotidiano dela. Os alunos que participam do projeto lêem um livro atrás do outro. Aliás, quando entram na sala toda terça-feira, correm para pegar as almofadas, deitam em frente à televisão esperando o início de filmes trazidos pela professora ou pegam livros na prateleira e mergulham em suas histórias.

“Adoro ler porque aprendo mais sobre as coisas”, afirma Fabíola, orgulhosa de ter uma biblioteca em casa. Quem também está feliz com a idéia é a diretora da Escola Parque, Isabel Guilhon, ao ver o progresso de seus alunos. “As

CÂMERA, AÇÃO!

Fotos: Nehil Hamilton



Primeiro, os cineastas mirins lêem vários livros e escolhem duas histórias; depois, pesquisam os personagens para transformar as histórias em roteiros; em seguida, ensaiam para interpretar os personagens; finalmente, começam a filmar

crianças estão interpretando as leituras e conhecendo várias linguagens: música, desenho, mímica, teatro”, ressalta.

Luciane acredita que este trabalho também despertou o olhar crítico das crianças e a autonomia para ter leituras próprias sobre o mundo, as pessoas e os programas de televisão. “Elas estão atentas aos fatos, porque qualquer detalhe pode virar tema para um desenho, uma música ou um livro. Elas estão sempre atrás das câmeras”, explica.

O projeto *Curta Literário* começou em novembro de 1997 e só depois de nove meses foi aprovado pelo Núcleo de Projetos Especiais e Diretoria Regional de Ensino do Plano Piloto. Em quatro de julho deste ano, foi iniciado na Escola Parque da 210 Norte. Para realizar o projeto, a professora não contou com dinheiro do governo e, por isso, teve que buscar parcerias, convênio e o apoio de pessoas e empresas interessadas.

Os pais, aceitando de imediato a proposta, formaram uma comissão para apoiar a iniciativa. Cláudia Veronese faz parte da comissão e acredita que seu filho, Lui, 10 anos, teve um grande progresso intelectual com o projeto. “Hoje, ele não só observa tudo o que vê, mas também critica. E não tem medo de expor suas idéias cada vez que acaba de ler um livro”, conta.

A idéia do projeto surgiu como uma tentativa de acrescentar novos elementos ao ensino da arte. “A escola porque não pode ser vista como um lugar de brincadeira. A arte não é brinquedo, e sim um caminho para o crescimento intelectual e o desenvolvimento crítico da realidade”, afirma Luciane.

Além disso, foi uma forma de trazer à tona o prazer pela leitura e o interesse pela história dos povos. Segundo a professora, os movimentos musicais e comportamentais que a tevê dita influen-

ciam as atitudes das crianças e, por isso, se preocupou tanto com o nível de cultura delas. “A volta do interesse de ler é fundamental para o desenvolvimento de cidadãos conscientes”, afirma a pedagoga Tânia Banho. “O projeto dá à criança a oportunidade de interpretação, de crítica e de criação. No mundo de hoje, esse tipo de aula inovadora é mais válida que a tradicional”, comenta.

O primeiro curta-metragem será exibido no final de novembro no Canal 31 da TVA. Nesta mesma época, começam as filmagens do segundo vídeo na Oca do Parque da Cidade e na mata da Casa do Cerrado. Enquanto a gravação não vem, as crianças ficam contando as horas e imaginando os momentos de artistas que o projeto vai lhes proporcionar. “Vai ser divertido, mal podemos ver a hora de nos vermos no vídeo”, deliram em conjunto Fabíola e Priscila Rosa.